

TORCEDORES DE FUTEBOL E ATIVISMO ESPORTIVO: UMA ANÁLISE DA AGENDA POLÍTICA E DAS FORMAS DE ATUAÇÃO DO BLOCO TRICOLOR ANTIFA

Felipe Tavares Paes Lopes¹

Camila Caldeira Nunes Dias²

Claudio Luís de Camargo Penteado³

Resumo: Este artigo objetiva compreender como os integrantes de um coletivo de torcedores antifascistas delimitam sua agenda política e atuam dentro e fora do ciberespaço. Para tanto, adotamos os seguintes procedimentos metodológicos: observação participante, questionários, entrevista em grupo e análise de conteúdo de postagens em redes digitais. Entre outras coisas, indicamos que essas redes constituem um elemento central para a formação de identidade do coletivo e que, diferentemente das ruas, os estádios não têm sido utilizados por ele como um espaço de manifestação. Também mostramos que, entre as principais pautas do coletivo, destacam-se o enfretamento do neoliberalismo, a luta contra o “futebol moderno” e defesa das “minorias”.

Palavras-chave: Antifascismo; Ativismo Esportivo; Futebol.

Football fans and sports activism: an analysis of the political agenda and the ways in which Bloco Tricolor Antifa acts

Abstract: This article aims to understand how the members of a collective of anti-fascist football fans delimit their political agenda and how they act inside and outside of cyberspace. To this end, we adopted the following methodological procedures: participant observation, questionnaires, group interviews and content analysis of posts on digital networks. Among other things, we indicate that these networks constitute a central element for the organization and identity formation of the collective and that, unlike the streets, the stadiums have not been used by the collective as a space for demonstration. We also show that, among the main agendas of the collective, we can highlight the confrontation of neoliberalism, the fight against “modern football” and the defence of “minorities”.

Keywords: Anti-fascism; Sports Activism; Football.

Hinchas de fútbol y activismo deportivo: un análisis de la agenda política y las formas de actuación del Bloco Tricolor Antifa

Resumen: Este artículo tiene como objetivo comprender cómo los miembros de un colectivo de hinchas antifascistas delimitan su agenda política y actúan dentro y fuera del ciberespacio. Para tanto, adoptamos los siguientes procedimientos metodológicos: observación participante, cuestionarios, entrevistas grupales y análisis de contenido de publicaciones en redes digitales. Entre otras cosas, indicamos que estas redes constituyen un elemento central para la formación de la identidad del colectivo y que, a diferencia de las calles, los estadios no han sido utilizados por el colectivo como un espacio de manifestación. También mostramos

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. E-mail: lopesftp@gmail.com. Sorocaba – Brasil.

² Docente da Universidade Federal do ABC. E-mail: camila.dias00@gmail.com. São Bernardo do Campo – Brasil.

³ Docente da Universidade Federal do ABC. E-mail: claudio.penteado@ufabc.edu.br. São Bernardo do Campo – Brasil.

que, entre las principales agendas del colectivo, se destacan el enfrentamiento al neoliberalismo, la lucha contra el “fútbol moderno” y la defensa de las “minorías”.

Palabras-clave: Antifascismo; Activismo Deportivo; Fútbol.

Introdução⁴

Neste artigo, apresentamos os resultados parciais de uma pesquisa sobre os coletivos de torcedores(as)⁵ antifascistas da cidade de São Paulo, que busca contribuir para o desenvolvimento dos debates sobre ativismo esportivo – considerando que esse ativismo é constituído tanto pelas ações que visam transformar as estruturas sociais e políticas específicas do esporte quanto por aquelas que buscam, por meio dele, alcançar transformações políticas e sociais mais amplas (TOTTEN, 2015).

No Brasil, os estudos sobre as práticas ativistas dos torcedores de futebol são relativamente recentes. Para entendermos a emergência desses estudos, não podemos perder de vista que a perspectiva crítica do futebol, influenciada principalmente pelo marxismo e pela Escola de Frankfurt, foi dominante até a década de 1980, quando foi ganhando corpo uma interpretação quase oposta do esporte, desenvolvida principalmente por historiadores e antropólogos. Se a perspectiva crítica considerava o futebol uma variante do “ópio do povo”, que contribuiria para mistificar a realidade e legitimar o sistema capitalista; essa nova interpretação passou concebê-lo como um espaço de formação de identidade e de expressão do nacional e do regional, de participação, de pertencimento, de emoção, de criação e de imaginação. Ademais, passou a valorizar a perspectiva dos amantes do jogo, antes vistos sob o prisma da alienação (LOVISOLO, 2011).

A busca por entender o futebol sob a perspectiva desses amantes, aliada à ocorrência de graves confrontos violentos dentro e fora dos estádios, contribuiu para a consolidação, na segunda metade dos anos 1990, de um campo de pesquisas sobre as torcidas organizadas – que, inicialmente, enfatizaram sua formação histórica, seus rituais, suas performances nas arquibancadas e seus laços com a violência (LOPES, 2019). Já nos anos 2010, uma série de mudanças no universo das torcidas de futebol – como a fundação da Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (ANATORG) e o surgimento de novos movimentos e coletivos de torcedores – despertou a atenção de alguns pesquisadores (TEIXEIRA; HOLLANDA, 2016; SIMÕES, 2017; LOPES; HOLLANDA, 2018a; 2018b; CANALLE, 2020; GOMES, 2020; PINHEIRO, 2020; 2021; RONCHETTE, 2021), que passaram a examinar mais atentamente as lutas políticas das organizadas e as estratégias de resistência desses novos movimentos e coletivos. Entre estes últimos, destacam-se aqueles que se autointitulam antifascistas, que ganharam visibilidade pública

⁴ Agradecemos à Fapesp pelo auxílio à pesquisa que permitiu o desenvolvimento deste trabalho.

⁵ A partir daqui, a fim de aliviar o corpo do texto, abandonaremos a fórmula “o(a)” e adotaremos o genérico masculino.

em 2020, com as manifestações a favor da democracia e contra o governo de Jair Bolsonaro, em plena pandemia de Covid-19.

Grosso modo, podemos distinguir três modelos de agrupamentos de torcedores antifascistas. O primeiro deles refere-se àqueles coletivos que operam de modo similar a uma torcida organizada, como é o caso da Ultras Resistência Coral (URC), do Ferroviário Atlético Clube, que, desde sua fundação em 2005, promove uma sociabilidade militante nos estádios cearenses, fundindo a luta de classes e a paixão pelo futebol (PINHEIRO, 2000; 2001). A URC, todavia, é um caso isolado. No Brasil, praticamente não há torcidas organizadas com uma identidade político-ideológica tão forte. Tanto que as redes de amizade e inimizade entre essas torcidas não são organizadas a partir do binômio esquerda-direita.

O segundo modelo refere-se àqueles coletivos que reúnem membros antifascistas de uma mesma torcida organizada. Ainda que possam realizar algumas ações próprias, eles participam regularmente das atividades das torcidas às quais pertencem. Estes coletivos não são muito numerosos e, entre os mais conhecidos, podemos citar a Frente Guevarista, da torcida Dragões da Real, e o Bonde do Che, da torcida Tricolor Independente – ambas do São Paulo Futebol Clube.

O terceiro modelo refere-se aos coletivos que reúnem torcedores antifascistas de um mesmo clube e que não são vinculados a nenhuma organizada – embora alguns de seus membros possam, eventualmente, ser associados. Esses coletivos não operam como (e nem pretendem ser) uma torcida, ainda que assim sejam habitualmente denominados pela imprensa e pela literatura científica. Atualmente, os principais clubes do país costumam ter ao menos um coletivo desse tipo.

Devido à expansão do terceiro tipo coletivo e à sua intensa participação nas redes sociais digitais e em protestos de rua, ele acabou despertando a atenção de alguns pesquisadores (SOARES; ZAGO, 2018a; SOARES; ZAGO, 2018b; LOPES; CORDEIRO, 2020; SOUZA JÚNIOR, 2020; GOMES, 2020; RONCHETE, 2021), que vêm examinando, principalmente, suas estratégias ciberativistas. Dando continuidade a esse campo de discussão, neste artigo, abordamos um coletivo que pode ser enquadrado em tal modelo – o Bloco Tricolor Antifa (BTA) – com o objetivo de compreender como seus integrantes delimitam sua agenda política e atuam dentro e fora do ciberespaço.

Com isso, buscamos aprofundar a reflexão dessas pesquisas sobre a forma como os coletivos antifascistas interpretam e enfrentam questões como o racismo, o sexismo, o neoliberalismo e o “futebol moderno” – conforme retomaremos, essa última questão refere-se ao processo de hipermercantilização do futebol, cada vez mais moldado pela lógica do espetáculo (LOPES; HOLLANDA, 2018a). Nessa interpretação, focalizamos as contradições, as ambiguidades e o potencial transformador das práticas ativistas dos referidos coletivos. Também buscamos contribuir para suprir uma lacuna na literatura sobre o tema, uma vez que tais pesquisas focalizam as ações realizadas no mundo virtual, com exceção da realizada por Gomes (2020), que também se apoia em entrevistas por escrito. Vale salientar que o acesso a discursos que circulam fora das redes sociais digitais não apenas serviu para fornecer uma visão mais ampla daquilo que acontece em outros

espaços como também para ampliar o nosso entendimento dos papéis que essas redes desempenham nas práticas ativistas do BTA.

Método e procedimentos

Conforme a descrição do BTA na sua página oficial no Facebook, ele é um coletivo suprapartidário de esquerda, que é formado por torcedores antifascistas do São Paulo, aglutinando comunistas, anarquistas, membros de partidos políticos de esquerda (PT, PSOL e PC do B), integrantes de movimentos sociais e ativistas em geral. A escolha por tomá-lo como nosso objeto de investigação justifica-se por três razões: primeira, a despeito de ter surgido recentemente e ainda contar com poucos integrantes, ele tem sido muito atuante nas redes sociais digitais e em manifestações e protestos de rua, articulando-se, inclusive, com coletivos antifascistas de outros clubes. Segunda, está vinculado (ao menos no plano afetivo) a um dos mais populares e tradicionais clubes paulistanos. Terceiro, desde o primeiro contato, seus integrantes mostraram-se dispostos a colaborar para o desenvolvimento da pesquisa.

Uma vez justificada a escolha do BTA, cabe destacar que, a fim de obter informações sobre o coletivo, adotamos uma estratégia metodológica que envolveu múltiplos procedimentos, tais como: observação participante, questionários, entrevista em grupo e análise de conteúdo de postagens em redes digitais. Esses procedimentos foram realizados apenas por um dos autores do artigo, que participou do ato de fundação de um outro coletivo, mas nunca foi atuante. Também vale destacar que ele é torcedor do Corinthians e que os integrantes do BTA (ou, ao menos, os mais próximos) sabiam disso (por meio de conversas informais) e que isso jamais constituiu um problema, justamente porque, conforme veremos, as rivalidades clubísticas, no contexto estudado, não são um impeditivo para o estabelecimento de diálogo e criação de redes de cooperação. Por outro lado, se seu posicionamento político-ideológico fosse outro, situando-se à direita, seu *status* junto a tais integrantes, provavelmente, seria diferente. Em outras palavras, a opção política parece ser mais relevante do que a clubística para viabilizar uma pesquisa com torcedores antifascistas.

Em relação ao primeiro procedimento, ele foi realizado em quatro ocasiões: um “faixaço” em uma passarela no centro de São Paulo⁶, um protesto contra a privatização do Pacaembu, uma marcha antirracista e um festival de futebol com refugiados. Nessas ocasiões, pudemos conversar com alguns de seus integrantes e observar seus comportamentos em grupo. Posteriormente, registramos nossas impressões em um diário de campo. Em três dessas ocasiões, também aplicamos um questionário para conhecer um pouco melhor o perfil dos membros do BTA. Apesar de a amostra ser constituída por apenas 12 respondentes, estes fazem parte do “núcleo-duro” do coletivo, que, no dia-a-dia, possuem um papel de relevo na definição de suas atividades e estratégias, sendo, portanto, fundamentais para a pesquisa. Além de adotarmos esses procedimentos, conversamos e trocamos informações, via

⁶ Onde foram estendidas diversas faixas contra o Bolsonaro, por isso o nome “faixaço”.

WhatsApp, com um de seus integrantes mais atuantes. Desde o nosso contato inicial, tal integrante tem compartilhado informações, vídeos e fotos das ações do BTA, tornando-se um interlocutor fundamental para a pesquisa.

No que diz respeito à entrevista em grupo, esta é consonante com o modo de organização horizontal do coletivo e contou com a participação de três integrantes do “núcleo duro”: dois homens e uma mulher. Ainda que alguns (poucos) membros do coletivo façam parte de torcidas organizadas, esse não é o caso de nenhum dos três entrevistados. Na verdade, um já tinha participado há anos, mas saiu, segundo ele, por conta da violência. De acordo com eles, os três atuam como professores e dois são filiados ao Partido dos Trabalhadores (PT). Também nos informaram que um é do sindicato dos professores do estado de São Paulo (APEOESP) e que outro possui muita proximidade com a organização. A entrevista foi realizada na sala do apartamento de um dos entrevistados, o que contribuiu para a criação de uma atmosfera descontraída e familiar. Ela foi gravada e, posteriormente, transcrita na íntegra e analisada.

Em relação à análise das postagens, selecionamos todas aquelas (81) publicadas na página oficial do coletivo no Facebook durante os seus primeiros quatro meses de existência (de 23/07/2021 a 23/11/2021). Vale destacar aqui que o BTA também está presente em outras plataformas de rede social. No entanto, como o conteúdo neles postado costuma ser o mesmo ou similar, consideramos que a análise de apenas um deles seria suficiente para nos oferecer um panorama de sua atuação nas referidas redes. Uma vez selecionado o material, lemos o seu conteúdo na íntegra e, a partir dessa leitura, fizemos um quadro indicando: 1 - a data de cada postagem; 2 - seu engajamento (curtidas, comentários e partilhas); 3 - o recurso utilizado (vídeo, texto, imagem, fotografia, charge etc.); 4 - sua proposição central, ou seja, a “essência” daquilo a que se refere (VAN DIJK, 2003) e 5 - observações gerais.

Lutas torcedoras na cidade de São Paulo: da ATOESP aos coletivos de torcedores antifascistas

As ações humanas não subsistem num vácuo, mas são produzidas em condições sociais e históricas específicas. Sendo assim, a análise do BTA não pode dispensar o exame do contexto sócio-histórico em que ele se fez. Para tanto, é preciso recuarmos algumas décadas e reconstruirmos, ainda que de forma muito breve e seletiva, o histórico de lutas torcedoras no âmbito da cidade de São Paulo, começando pela própria formação de agrupamentos organizados de torcedores.

A primeira geração de torcidas organizadas de São Paulo (ou uniformizadas, como eram chamadas pela imprensa na época) surgiu no fim da década de 1930 e começo da década de 1940, durante o Estado Novo (1937-1945). Essas torcidas realizavam um trabalho doutrinário nas arquibancadas da cidade, que buscava inculcar na massa torcedora os ideais e lemas do regime estado-novista, como a disciplina e a ordem (HOLLANDA; CHAIM, 2020). A segunda geração, por sua vez, surgiu no fim da década de 1960 e começo da década de 1970 – período em que o Brasil sofria com a repressão da ditadura civil-militar (1964-1985) e em que ocorriam prolongados tumultos

sociais em diferentes partes do mundo, que desafiavam a ordem vigente. Inspirados pelo “espírito rebelde” do momento, jovens torcedores passaram, então, a se organizar para participar de forma mais crítica do espetáculo futebolístico e atuar como um mecanismo de pressão dentro do universo do futebol, ainda que isso não os tenha impedido de estabelecer, em diversas ocasiões, relações clientelistas com os dirigentes de seus clubes (CANALLE, 2020).

Diante do aumento da violência entre essas novas associações e de problemas relacionados ao transporte público, ao valor dos ingressos, à venda de bebidas e alimentos e às dificuldades nas caravanas, suas lideranças fundaram, em 1976, Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo (ATOESP), que passou a articular protestos, greves e boicotes. Apesar de sua importância, a história da ATOESP durou somente até 1983, pois a intensificação dos enfrentamentos entre suas associadas impossibilitou a articulação de novas ações conjuntas. Essa intensificação, todavia, não significou o fim da relação e do diálogo entre as lideranças das organizadas. Ao contrário, já em 1984, elas voltaram a se reunir em torno de uma luta que transcendia o futebol: a campanha pelas “Diretas Já!” (CANALLE, 2020).

Durante segunda metade da década de 1980, os confrontos entre as associações acirraram-se ainda mais, o que levou a ocorrência, na década seguinte, daquela que habitualmente é considerada a maior tragédia do futebol paulistano: a “Batalha Campal do Pacaembu”, quando torcedores organizados do Palmeiras e do São Paulo invadiram o gramado e se enfrentaram com paus, pedras e outros artefatos, resultando na morte de um torcedor e numa centena de feridos. Como resposta à tragédia, o poder público ampliou a repressão às organizadas e adotou várias medidas nos estádios de São Paulo, como a proibição de bandeiras com mastro – um dos mais importantes elementos para suas performances nas arquibancadas (LOPES, 2019). Essas medidas levaram as organizadas a refundarem a ATOESP em 1995, mas, novamente, sua sobrevivência foi curta, durando cerca de um ano.

Foi também na década de 1990 que se iniciou o processo de “arenização” dos estádios brasileiros, com a reforma da Arena da Baixada, do Atlético-PR⁷. Processo que atomizou os torcedores em assentos individuais e criou diversas áreas exclusivas (e, portanto, excludentes) nos estádios, fortalecendo o controle panóptico do público torcedor⁸ e elitizando o espetáculo futebolístico⁹. Mas foi mesmo com a realização da Copa do Mundo de 2014 que a “arenização” dos nossos estádios se consolidou. O ano de 2014 também foi marcado pela fundação da ANATORG, que, desde então, tem buscado

⁷ Vale destacar que esse processo não afetou igualmente todos os estádios brasileiros. Ao contrário, mesmo na Série A do Campeonato Brasileiro, ainda há clubes que disputam partidas em estádios com estruturas antiquadas e com setores sem assento.

⁸ Aqui, é importante observar que os membros das torcidas organizadas estão mais sujeitos do que outros torcedores a esse controle. Apenas para dar um exemplo, o Estatuto de Defesa do Torcedor prevê que essas torcidas devem manter o cadastro atualizado de seus associados, que deve conter uma série de informações, como, por exemplo, fotografia, número do CPF e endereço completo (LOPES, 2019).

⁹ A discussão sobre as mudanças na precificação dos ingressos é complexa e controversa. Há estudos, como o de César Grafiatti (2017), que indicam que, embora tenha havido um aumento ao longo dos anos, há um certo exagero em dizer que o futebol brasileiro se elitizou.

promover o diálogo entre as torcidas organizadas e entre elas e o poder público (LOPES; HOLLANDA, 2018a).

Já em 2016, as organizadas do Corinthians e de outros clubes paulistas realizaram, dentro e fora dos estádios, protestos contra as forças dominantes do futebol brasileiro (CBF, FPF, Globo etc.) e contra a “Máfia da Merenda”, que tiveram grande repercussão midiática. Simultaneamente, os novos coletivos de torcedores¹⁰, incluindo os antifascistas, fundaram, no prédio da Faculdade de História da Universidade de São Paulo, uma frente ampla denominada “Arquibancada Ampla, Geral e Irrestrita” (AGIR), a fim de fazer frente aos retrocessos políticos e sociais do Brasil após o *impeachment* de Dilma Rousseff. Retrocessos que incluem, por exemplo, a retirada de direitos trabalhistas (LOPES; HOLLANDA, 2018a). Em 2019, por sua vez, fundaram a Frente Nacional de Futebol Popular, no Encontro Nacional pelo Direito de Torcer, realizado no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre. De São Paulo, participaram dois coletivos: o Porcomunas e o Coletivo Democracia Corinthiana (CDC).

Os novos coletivos de torcedores surgiram em um momento de forte mobilização coletiva no Brasil, com a formação de grupos de jovens autonomistas, que foram centrais para a realização das Jornadas de Junho de 2013, para as mobilizações estudantis de 2015 e para o desenvolvimento de novas linguagens e performances políticas, distintas das desempenhadas pelos movimentos sociais “clássicos” (GOHN, 2018). Em 2020, tais coletivos juntaram-se a torcedores organizados antifascistas para manifestar seu repúdio ao governo Jair Bolsonaro¹¹. Nessas manifestações, o BTA começou a tomar uma forma mais definida, embora sua estreia oficial nas ruas tenha sido apenas no Ato Fora Bolsonaro do dia 03/07/2021. Apesar de sua estreia recente, o coletivo já vinha sendo esboçado desde 2018, em conversas estabelecidas em um grupo de WhatsApp chamado “São Paulinos Contra a Extrema Direita”. Desde a sua fundação, tem, conforme retomaremos, organizado ou participado de uma série de eventos políticos, como marchas antirracistas, manifestações contra o governo Jair Bolsonaro e protestos contra a privatização do Estádio do Pacaembu.

A Internet e a rua: os espaços de ação do Bloco Tricolor Antifa

Nos últimos anos, pesquisadores (DI FELICE, 2013; SILVEIRA; BRAGA; PENTEADO, 2014; ROJO, 2016; IÑIGUEZ-RUEDA, 2019) têm destacado a importância das redes sociais digitais para os novos grupos de ativistas. Essas redes têm dado suporte a movimentos globais e locais, impactando as formas de ação social e contribuindo para reformular os conceitos de participação, espaço democrático, identidade coletiva e estratégia política. Diante disso, podemos afirmar que não é mais possível conceber a ação coletiva sem levar em consideração o papel exercido pelas referidas redes. O BTA, por exemplo,

¹⁰ Seguindo as análises de Gomes (2020, p. 11), consideramos “coletivo de torcedores” “[...] a junção entre a torcida por um clube e algum tipo de projeto político”.

¹¹ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-01/torcidas-antifascistas-assumem-linha-de-frente-da-mobilizacao-contra-bolsonaro-e-atraem-oposicao.html>. Acesso em: 03 de fev. de 2022.

utiliza, com frequência, sua página oficial no Facebook para mobilizar as pessoas para suas ações no mundo *offline*, assim como para registrar e divulgar essas ações – tanto que, das 81 postagens analisadas, 37 (46%) tinham alguma dessas funções. Essas ações são filmadas e/ou fotografadas por seus integrantes e, posteriormente, postadas em tal página, o que permite difundi-las imediatamente para qualquer um de seus usuários, ensejando comentários, partilhas e curtidas. Em outras palavras, primeiro as ações são anunciadas na Internet, posteriormente, são realizadas nas ruas e outros espaços urbanos e, em seguida, são reproduzidas, avaliadas e discutidas na Internet.

O BTA também utiliza o Facebook para reforçar sua identidade (antifa). Para tanto, emprega recursos variados, como textos, vídeos, fotos e charges. Fiquemos com estas últimas. Em 3 postagens, o coletivo ilustra as mensagens (de convocação para atos contra o Bolsonaro e divulgação do ponto de encontro) com a figura do gato preto, que, no campo político, representa a sabotagem e o anarcossindicalismo¹². Em uma delas, podemos ver tal gato empurrando o Bolsonaro pelas costas. Em outra, enterrando-o. E, em uma terceira, segurando um coquetel molotov. Ainda que a página do coletivo veicule símbolos globais da luta anticapitalista, diferentemente do que ocorre com outras páginas ativistas, como aquelas alinhadas ao movimento *Black Bloc* no Brasil (CARREIRO, 2014), ela praticamente não difunde imagens que remetem a manifestações em outras partes do mundo – observamos apenas 1 postagem sobre um ato antifascista na Itália e 2 sobre atos contra o Bolsonaro em outros países. Tampouco há imagens de torcidas antifascistas estrangeiras. Sendo assim, podemos dizer que, ao menos na referida rede, o coletivo não estabelece uma vinculação direta com o movimento antifascista contemporâneo, que é transnacional. Na verdade, ele constrói sua identidade (antifa), quase sempre, de forma indireta: por meio da vinculação do coletivo à oposição ao governo Bolsonaro e a lutas caras ao movimento antifascista, como o enfrentamento do racismo, do machismo e da homofobia. É, portanto, desta forma que se insere em um campo político específico.

O BTA tampouco utiliza o Facebook como instrumento de contrainformação. Tanto que não há referências diretas e contrárias a conteúdos publicados na “grande imprensa”, como ocorre em outras páginas ativistas (CARREIRO, 2014). Há apenas uma postagem que convida o leitor a ler uma matéria do *The Intercept* – Brasil sobre cartas de Bolsonaro publicadas em sites neonazistas e duas que tratam de uma *Fake News* sobre o próprio coletivo, que envolvia a adulteração, por parte de bolsonaristas, de uma foto do coletivo publicada no portal G1. Apesar de o Facebook praticamente não ser utilizado como um instrumento de contrainformação, essas duas últimas postagens foram as que tiveram maior engajamento de todas as analisadas: uma teve 15 curtidas, 9 comentários e 6 partilhas e a outra, 16 curtidas, 5 comentários e 4 partilhas.

Também nos chamou atenção o pequeno número de postagens relacionadas ao futebol: apenas 6 tratam diretamente do esporte (7,4% do

¹² Disponível em: <https://www.anarquista.net/gato-negro-gato-selvagem/>. Acesso em: 04 de fev. de 2022.

total). E, mesmo quando abordado, ele é utilizado para tratar de alguma luta política mais ampla. Por exemplo, uma das postagens promove a luta contra o “futebol moderno” e o preconceito e duas outras, contra o racismo. Também há uma que, ao reclamar da arbitragem de uma partida do São Paulo, ironiza o ex-ministro da Justiça Sérgio Moro – “Baixou o Juiz Moro no Morumbi ... lamentável” (BTA, 31/07/2021) – e outra que repudia o apoio do Daniel Alves (então jogador são-paulino) ao presidente Jair Bolsonaro. A única que não estabelece uma relação com a política é uma que celebra uma vitória sobre o arquirrival Corinthians. A pouca atenção dada ao futebol sugere que a identidade do coletivo é principalmente política, e que a questão futebolística fica em um segundo plano. No entanto, em uma conversa informal com alguns integrantes, descobrimos que eles conversam muito sobre o São Paulo no grupo de WhatsApp. Essa informação indica que o clube é fundamental para o estabelecimento dos vínculos entre eles. Inclusive, quando perguntados por que fazer um coletivo antifascista que leva a paixão pelo São Paulo no nome e no símbolo, disseram que ela os unificava previamente.

Além da paixão pelo São Paulo, o próprio grupo de WhatsApp (uma plataforma privada, vale recordar) é central para a solidificação dos vínculos entre os integrantes do BTA, assim como para a organização e formulação da identidade do próprio coletivo. Tanto que a presença nele é condição necessária para participar do coletivo. Ao ser perguntado sobre quem são, de fato, seus membros, um dos entrevistados foi enfático: todos aqueles que participam do grupo do WhatsApp. Isso é indicativo de que as redes sociais digitais possuem funções distintas. Ainda que todas sirvam para criar conexões, algumas, como o Facebook, parecem ser utilizadas principalmente para compartilhar as ações, pautas e aspectos logísticos do coletivo com o público em geral; enquanto outras, como o WhatsApp, para trocar informações e estabelecer diálogos entre seus integrantes. Nossa hipótese é que, em uma escala imaginária de adesão ao coletivo, o WhatsApp ocupa uma posição intermediária entre as outras redes sociais digitais e a rua. Tanto que, segundo um dos entrevistados, quando perguntou para os seguidores do BTA no Instagram (1300 naquele momento) se queriam participar do grupo de WhatsApp, muito poucos responderam. E, desse grupo (68 pessoas até aquele momento), somente uma minoria tem participado das ações realizadas no ambiente *offline*: 7 pessoas compareceram à primeira participação oficial do coletivo nas ruas e cerca de 15, nas manifestações seguintes.¹³

Apesar de não conseguir mobilizar muitas pessoas, as ruas podem ser consideradas, ao lado da Internet, o principal locus de atuação do BTA. Com exceção de um ato organizado por movimentos de direita, o coletivo esteve presente em todas as grandes manifestações contra o governo Jair Bolsonaro realizadas na cidade de São Paulo desde a sua fundação. Também marcou presença em uma marcha antirracista e em uma manifestação contra a privatização do estádio do Pacaembu, participou de um festival de futebol com outros coletivos antifascistas e movimentos negros e organizou três protestos contra o referido governo em passarelas na cidade de São Paulo, quando seus

¹³ Aqui, é preciso destacar que os riscos trazidos pela pandemia de Covid-19 podem ter contribuído para essa baixa adesão.

integrantes ascenderam sinalizadores e desfraldaram bandeiras e faixas. Em uma delas, podia-se ler: “Se você é fora Bolsonaro, buzine!”. Ao interpelar os motoristas que passavam por debaixo do viaduto, essa faixa, de forma criativa, transformou um espaço de circulação de carros em um espaço de resistência política, ampliando, de forma muito significativa, o número de pessoas envolvidas na manifestação e, desta forma, na ação política protagonizada pelo coletivo. Não se tratava mais de uma ação promovida por meia dúzia de ativistas, mas de uma ação que envolvia também uma multidão de manifestantes-motoristas, que protestavam com suas buzinas, formando uma espécie de coro insurgente.

Pouco destacada na Internet, a vinculação do BTA com o São Paulo ganha ampla visibilidade nas manifestações de rua. Além de ser expressa nas cores e mensagens das faixas e bandeiras que o coletivo exhibe, ela está presente nos corpos de seus integrantes, que, quase sempre, vestem a camisa do clube. No contexto de tais manifestações, esses corpos configuram-se, portanto, em um espaço de representação que estabelece a associação entre o clube e a política. Na pesquisa de campo, pudemos observar que essa associação desperta curiosidade e admiração por parte de outros manifestantes (inclusive que torcem para outros clubes). Tanto que, com frequência, param para elogiar o coletivo e tirar fotografias junto aos seus integrantes e suas faixas.

Também pudemos observar que, entre suas bandeiras, há uma que estampa a imagem de uma guerrilheira da resistência Curda, que combate o patriarcado e o Estado Islâmico, ao lado da seguinte mensagem: “Lugar de mulher é na arquibancada. Respeita as minas!”. Por um lado, o emprego do português (como nas outras bandeiras do coletivo) indica que suas mensagens escritas não são destinadas a um público estrangeiro – como ocorre, com certa frequência, nos movimentos globais de protesto, que convertem praças e outros espaços públicos em territórios multilinguísticos, criando uma interconexão entre eles (ROJO, 2016). Por outro lado, além de transmitir força, a imagem da referida guerrilheira estabelece uma cadeia intertextual em que as lutas de outros lugares, de certo modo, se fazem escutar e são amplificadas pelo BTA, o que contribui para inserir, simbolicamente, o coletivo em uma comunidade internacional de insurgentes. Inserção que, conforme antecipamos, praticamente não é estabelecida na Internet.

Ainda que, como nos foi dito na entrevista, haja a intenção do BTA de realizar ações no estádio do Morumbi durante os jogos do São Paulo, até o momento da produção deste artigo, não havia ocorrido nenhuma. Esse é um dos aspectos que diferencia o coletivo das organizadas, que fazem do estádio um local privilegiado para a realização de suas performances, afirmação de suas identidades e socialização de seus integrantes. Importante recordar que, se os integrantes do BTA acompanham os jogos como torcedores “avulsos”, misturando-se à massa torcedora; nas manifestações de rua, andam juntos e demarcam seu território com faixas, bandeiras e sinalizadores. Sua opção pelas ruas deve-se tanto à repressão da Polícia Militar (PM) – que, segundo nos disseram, impede a entrada de materiais considerados “políticos” nos estádios – quanto ao fato de optarem por se diferenciar das organizadas.

Vale destacar, aqui, que o BTA também se diferencia das torcidas organizadas no que diz respeito à sua estrutura organizacional, pois as referidas torcidas tendem a ser mais hierarquizadas e centradas na figura de determinadas lideranças. Ademais, como ocorre com outros coletivos políticos, a socialização de seus integrantes baseia-se, principalmente, no compartilhamento de ideias, no trabalho colaborativo e nos laços afetivos entre eles. Também é importante destacar que, ainda que o BTA não se confunda com organizações políticas mais tradicionais – como os partidos, os sindicatos e os movimentos sociais “clássicos” – seus integrantes não rechaçam as “vias institucionais tradicionais” e qualquer forma de mediação política. Ao contrário, parte considerável deles milita em partidos ou outras organizações políticas – tanto que, dos 12 respondentes dos questionários, 5 declararam ser filiado a um partido e 9 declararam serem vinculados a movimentos sociais, sindicatos ou outros coletivos. Esse dado é particularmente relevante pois corrobora os resultados de outros estudos empíricos (GOHN; PENTEADO; MARQUES, 2020; MARQUES; MARX, 2020) que desmitificam a ideia de que os atuais coletivos políticos recusam estabelecer vínculos com organizações políticas mais tradicionais.

Também é relevante notar que foi o universo do futebol, e não outro âmbito social, que acolheu e agregou os integrantes do BTA. Ainda que seja necessário aprofundar essa questão em trabalhos futuros, é possível sustentar que esse acolhimento sugere, ao mesmo tempo, certa desarticulação das formas tradicionais de se fazer política e a ideia de que o futebol ainda é uma poderosa força integrativa, capaz de organizar a sociedade brasileira em torno de objetivos comuns. Neste caso, no entanto, não exatamente unificando a população em torno da seleção nacional ou de determinado clube – permitindo, como afirma Roberto DaMatta (1982), que os marginalizados tenham a oportunidade de vencer com seus times –, mas, sim, unificando um conjunto de pessoas em torno de uma luta política comum. Essa unificação permite-nos problematizar a tese, defendida por autores marxistas-althusserianos, como Roberto Ramos (1984), que diz que o futebol legitima o capitalismo, despolitizando a classe trabalhadora e a dividindo em torcedores de clubes rivais. Na verdade, no contexto pesquisado, ao invés de segmentar os indivíduos que podem se transformar num desafio real às forças dominantes, o futebol interliga-os, municinando a dissidência política.

Ademais, é interessante observar que a extrema direita, encarnada atualmente na figura de Jair Bolsonaro, não se contrapõe aos coletivos de torcedores antifascistas da mesma maneira que o faz em outras esferas de polarização e tensionamento da sociedade brasileira. Durante a pesquisa de campo, observamos, por exemplo, somente alguns grupos isolados de torcedores que se autodenominam “anti antifas”, e aparentemente com presença apenas nas redes sociais digitais. Certamente, a razão dessa falta de contraposição precisa ser investigada de forma mais aprofundada. De qualquer modo, é possível supor que ela ocorre (ao menos, em parte) porque o próprio Estado já opera como um aparelho repressivo, que vigia as atividades dos coletivos antifascistas e as impede de se manifestarem em alguns espaços. Como já antecipamos, a PM costuma vetar, por exemplo, a entrada de materiais considerados “políticos” nos estádios.

Outro aspecto a ser destacado é que o BTA utiliza as ruas como um espaço de enfrentamento simbólico, não físico – mesmo no ambiente virtual não observamos nenhuma mensagem que legitimasse a violência contra organizações ou indivíduos fascistas, com a exceção de algumas poucas charges. Nossa hipótese é que isso se deve ao fato de o coletivo apostar na difusão do pensamento político de esquerda e na construção do poder popular nas comunidades como uma estratégia privilegiada para “vacinar” a população frente ao fascismo – não à toa, um dos entrevistados destacou que o BTA pretende atuar nas periferias, tomando como exemplo os projetos do Coletivo Democracia Corinthiana (CDC), que dá palestras em escolas. Por um lado, essa aposta sugere que o BTA não compartilha a crença (liberal) de que as instituições governamentais e o debate público de ideias – estabelecido principalmente nos meios de comunicação – sejam suficientes para neutralizar a violência e as ideias fascistas (BRAY, 2018). Por outro lado, ela indica uma diferença tática importante em relação aos movimentos antifascistas – que, historicamente, têm promovido ações de enfrentamento “direto” das organizações de extrema direita, que podem, eventualmente, envolver o uso da violência física. De acordo com Bray (2018), além de desenvolverem atividades solidárias (como campanhas de arrecadação de dinheiro), de inclusão (como campeonatos de futebol com refugiados) e de formação política (como vídeos, panfletos e grupos de leitura), os militantes antifascistas buscam se infiltrar nas organizações de extrema direita para semear a discórdia, impedir fisicamente suas manifestações, abafar os discursos de suas lideranças e destruir suas pretensões de anonimato.

Um último aspecto a ser destacado é que o BTA tampouco toma as ruas como um local de disputas e lutas contra coletivos de clubes rivais. Ao contrário, elas servem como um local de confraternização e construção de redes de solidariedade. Com frequência, seus integrantes compartilham o mesmo espaço, são fotografados juntos e apoiam-se mutuamente. Como nos disse um dos entrevistados, um dos incentivadores da criação do BTA foi o CDC, que sempre “cobrava” dos torcedores são-paulinos a formação de um coletivo antifascista próprio. Além de andarem lado-a-lado nas manifestações, os coletivos de torcedores antifascistas articulam ações conjuntas, como o festival de futebol em que estivemos presentes, que contou com a participação do BTA, do CDC e do Porcomunas – o que sugere que, ao menos no caso desses coletivos, a rivalidade clubística não se sobrepõe à identidade política. Neste ponto, é importante destacar que, em sua dissertação de mestrado, que examina os coletivos Palmeiras Livre e Palmeiras Antifascista, Gomes (2020, p. 129) demonstra preocupação com o clubismo, pois, nas suas palavras, ele pode se constituir em “[...] um entrave considerável na tentativa de construção de solidariedade e articulação nacional entre coletivos de torcedores de outros clubes, especialmente em nível estadual, em que a rivalidade está mais a florada.” Essa preocupação baseia-se, principalmente, em uma fala do Palmeiras Livre contrária ao Bonde do Che. No entanto, como antecipamos, o Bonde do Che constitui um caso à parte, pois está ligado a uma organizada.

Enfretamento do neoliberalismo, luta contra “futebol moderno” e defesa das minorias: as pautas do Bloco Tricolor Antifa

Uma vez apresentados os espaços de atuação do BTA, cabe, agora, discutirmos suas pautas, que são orientadas por uma visão do que é o fascismo e do que é a luta contra ele. O fascismo é definido por um dos entrevistados como [...] um monstro que chega pra separar em grupos, pra conseguir dominar; então, ele causa ódio...” (LARA LUXEMBURGO)¹⁴ e, por outro, como “violência”, “opressão”, “escravidão”, “dor”, “tortura”, como “[...] todo tipo de desumanidade, falso moralismo; fascismo é o não democrático, é o não humano, é o não debate” (MALCOM X). Notemos que o termo “fascismo” não serve aqui para especificar um determinado sistema político e social, mas é utilizado como uma categoria moral. De acordo com Bray (2018, p. 194), esse uso é cada vez mais frequente entre grupos que lutam contra os mais diversos tipos de opressão e que visam enfatizar “[...] a selvageria de seus inimigos políticos e dos elementos de continuidade que eles possuem com o fascismo em si”.

A construção do fascismo como uma categoria moral, às vezes, é elaborada por meio de um instrumento discursivo de exclusão: pressupõe-se, conforme sugerem os extratos acima, que o fascismo é um “agente externo” (notemos o uso do verbo “chegar”, por exemplo), que serviria para desagregar a sociedade. A ideia de desagregação remete, implicitamente, a uma perspectiva funcionalista do mundo social, que tende a ver a violência, a opressão e o conflito de modo mais geral como uma “patologia social”. O uso do substantivo “monstro” é sugestivo. Afinal, um monstro é uma criatura anormal, contrária à natureza. De acordo com Lara Luxemburgo, esse “monstro” atuaria por meio da fragmentação: ““Eu [fascismo] me coloco como superior, eu divido todos em grupos, eu faço eles se odiarem, pra poder controlar”. Em outro momento, ela afirma que ele rebentaria o “consenso lógico”: “[fascismo] é a quebra do consenso lógico, né? Eu tenho aqui que isso é uma tesoura, e aí, de um dia pro outro, eu decido convencer o [Eric Cantona] que aquilo não é mais uma tesoura.” A ideia da existência de um “consenso lógico” pressupõe a existência de uma racionalidade capaz de unificar as pessoas. Essa ideia ecoa a crença iluminista na razão como fonte de sabedoria e meio para o progresso da humanidade.

Além de utilizar o termo “fascismo” como uma categoria moral, os integrantes do BTA articulam a luta contra ele a uma agenda historicamente cara à esquerda. Por exemplo, para Eric Cantona,

ser antifascista, acima de tudo, é lutar contra a opressão, é tentar acabar com a desigualdade socioeconômica, que é a fonte de diversas outras mazelas sociais, identitárias e econômicas, e as pautas que a gente sempre defende, pautas historicamente da esquerda, de não permitir a intolerância étnica, a xenofobia, a homofobia, a transfobia, e principalmente esse ódio contra o pobre, e essa manutenção dos privilégios das classes mais abastardas, em detrimento de você piorar cada vez mais a vida do pobre, da classe trabalhadora.

¹⁴ A fim de preservar o anonimato dos entrevistados, utilizamos codinomes que foram escolhidos por eles próprios.

Já para uma das postagens analisadas, o coletivo luta

por igualdade socioeconômica, ampliação dos direitos para a comunidade LGBTQIA+, contra o racismo e pelo fortalecimento do movimento negro, contra toda discriminação e violência contra a população negra, pelo feminismo e emancipação das mulheres, pelo fortalecimento dos movimentos indígenas e quilombolas, pelo fim do genocídio contra a população indígena, pela demarcação de terras, contra as pautas neoliberais que assolam a população brasileira, o fortalecimento de políticas públicas e serviços públicos e somos contra o machismo que infelizmente impera no mundo do futebol, assim como a expansão do futebol moderno (BTA, 08/09/2021).

Ao circunscrever a luta antifascista ao campo da esquerda, o BTA rejeita o estabelecimento de alianças com conservadores e liberais que, eventualmente, possam estar em desacordo com o fascismo. Não à toa, o coletivo, conforme já antecipamos, recusou-se a participar de um ato contra o governo Bolsonaro organizado por movimentos de direita. Essa rejeição deve-se, entre outros fatores, ao fato de seus integrantes verem o neoliberalismo como uma forma de fascismo, como podemos observar na seguinte fala:

a própria situação do capitalismo também é uma vertente do fascismo esse capitalismo neoliberal, e que a gente acompanha agora mais de 600 mil mortes. Então, é um sistema neofascista, né, da globalização neoliberal, do capitalismo, e ele quer que você morra mesmo. Então, enquanto a gente tem um olhar humanitário, democrático, por direitos, ele é exatamente ao contrário, né? O neoliberalismo quer que você morra (MALCOM X).

Ao delimitar o neoliberalismo como uma forma de fascismo, os integrantes do BTA rompem com um discurso recorrente na grande imprensa brasileira que separa a agenda econômica neoliberal do ideário político de extrema direita, como se fossem fenômenos independentes. De certo modo, esse discurso da imprensa essencializa o fascismo, tornando-o um fenômeno trans histórico, como se a história se repetisse e não houvesse diferenças entre as conjunturas do passado e do presente. Afinal, se, por um lado, o fascismo “clássico”, dos anos 1930, tinha como projeto o nacionalismo econômico; por outro, hoje em dia, a burguesia, aliada histórica do fascismo, é favorável à globalização neoliberal e hostil ao nacionalismo econômico – o que faz com que os fascistas de hoje se dividam em relação ao neoliberalismo (LÖWY, 2015).

Vale recordar que, entre os protestos realizados pelo BTA, um deles foi contra o processo de privatização do Pacaembu, que foi concedido para a iniciativa privada por 35 anos, que decidiu demolir um de seus setores populares, o “tobogã”, para construir um edifício comercial com um centro de convenção, lojas e restaurantes. Para compensar os prejuízos decorrentes da pandemia de Covid-19, o consórcio vencedor também solicitou a extensão do contrato por mais 15 anos, o desconto de 71% na outorga fixa parcelada e que

a Praça Charles Miller fosse incorporada ao contrato¹⁵. Todavia, a despeito de os referidos integrantes se posicionarem como antineoliberais, protestando contra a privatização do patrimônio público, não observamos críticas por parte deles ao uso de plataformas das chamadas Big Techs, representantes do neoliberalismo. Provavelmente, essa (não) observação pode ser explicada ou pelo fato de essas plataformas não terem sido tematizadas na entrevista (não fizemos nenhuma pergunta sobre a opinião dos entrevistados acerca delas) ou pelo fato de terem passado a ser utilizadas, há já algum tempo, com tal regularidade que seu uso adquiriu um caráter de rotina, que não é mais discutido nem problematizado nem mesmo num ambiente fortemente politizado.

De acordo com Bray (2018), o movimento antifascista contemporâneo não apenas rejeita a agenda neoliberal como adota uma política social revolucionária, que rechaça a defesa (liberal) da liberdade de expressão, manifesta na célebre frase: “não concordo com o que dizes, mas defenderei até a morte seu direito a dizê-lo”. Afinal, depois de Auschwitz, os antifascistas passaram a lutar, com todas as suas forças, contra a capacidade das organizações nazistas e fascistas de dizerem qualquer coisa, empregando as mais diversas estratégias para silenciá-las. Aqui, é importante recordar que um momento relevante para a formação do BTA foi o das manifestações de 2020, que tinham como objetivo justamente disputar as ruas com a extrema direita e abafar suas reivindicações golpistas e autoritárias, como a volta do regime militar. A despeito de participar dessa disputa, o coletivo, vale reforçar, não busca o enfrentamento físico com membros de organizações fascistas.

No universo das torcidas organizadas de futebol, a oposição à agenda neoliberal é expressa na luta internacional contra o chamado “futebol moderno” – categoria utilizada, como já antecipamos, para se referir ao processo de hiper mercantilização do espetáculo futebolístico, que alarga o espaço dos interesses do capital nesse espetáculo ao mesmo tempo em que encolhe os direitos dos torcedores (LOPES; HOLLANDA, 2018a). Tal futebol é alvo de muitas críticas dos integrantes do BTA. Nas palavras de um entrevistado: “o futebol moderno, pra mim, é essa questão mercadológica, do dinheiro, e aí a paixão pelo futebol, essa alegria de estar lá, no estádio, com os amigos, acaba ficando em segundo plano, infelizmente.” Na perspectiva de outro: “futebol moderno’ traz essa mercantilização de tudo, você muda isso pra um outro espectro, que não é o que eu gostaria que fosse. Então, a gente luta contra isso também.

Da mesma forma como ocorre no referido universo, a narrativa dos integrantes do BTA sobre o “futebol moderno” evoca certo saudosismo e nostalgia. Nessa narrativa, há uma espécie de superioridade moral do velho sobre o novo. O futebol de ontem é visto como autêntico e popular enquanto o de hoje, como corrompido pelo dinheiro. Em outras palavras, há uma valorização da “simplicidade” e da “autenticidade” do passado ao mesmo tempo em que há uma inconformidade com o presente (LOPES; HOLLANDA,

¹⁵ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2022/01/26/concessionaria-quer-pacembu-por-mais-15-anos-para-compensar-perda-com-covid.htm>. Acesso em: 03 de fev. de 2022.

2018b). Nas palavras de um dos entrevistados: “[...] essa paixão perdeu. É tudo dinheiro, é tudo comprado, é tudo mercantizado”. Na fala de outro: “[...] é muito dinheiro que rola. E a gente não quer isso. Como a gente falou, a gente é da comunidade, é do povão, a gente quer mesmo é o retorno da torcida ao futebol, na condição de diversão.”

Por um lado, essa narrativa (mítica) sobre o futebol mobiliza ações que visam à democratização do acesso ao espetáculo futebolístico, tornando-o menos excludente. Por exemplo, de acordo com um dos entrevistados, uma das bandeiras que o BTA pretende levar ao estádio é por ingressos populares. Por outro lado, ela idealiza e romantiza o passado. Ainda que a denúncia de que a mercantilização do futebol tenha se tornado mais extensa e intensa seja fundamentada (NICOLAU NETO; CAVALCANTI, 2020), ela tende a desviar nossa atenção de situações que eram experimentadas como insatisfatórias. Basta recordar aqui que, ainda nos anos 1970, a ATOESP surgiu justamente para enfrentar algumas delas. Ademais, tal narrativa, às vezes, inclui processos de longa data, como a homofobia e o racismo, no rol de problemas do “futebol moderno”. De acordo com um dos entrevistados,

ser contra o “futebol moderno” não é somente essa questão da elitização, da forma como o futebol, ele tem se tornado uma mercadoria, ele tem sido capitalizado cada vez mais, e perdido ali a essência do futebol, mas é também ocupar as arquibancadas, e expulsar esses discursos elitistas, e carregados de preconceitos, como a gente vê muito nos estádios, hoje, né? É torcida racista, que xinga os jogadores, que joga banana, que faz todo um comportamento racista, a homofobia nos estádios, que acontece também, de parte de alguns torcedores querer expulsar uma determinada pessoa da arquibancada, por ela ser x, por ela ter um comportamento x, enfim, e ser contra o “futebol moderno” é contra isso também, né? (ERIC CANTONA).

Importante notar que a incorporação da bandeira contra os diversos tipos de preconceito e opressão na luta contra o “futebol moderno” não é consensual dentro do universo das torcidas. Na verdade, há uma disputa discursiva em torno da questão. Afinal, para alguns torcedores organizados, o “futebol moderno” seria o responsável por ter tornado o futebol “politicamente correto”, limitando manifestações torcedoras que fariam parte da “cultura da arquibancada” e que seriam provocações legítimas. Inclusive, grupos de torcedores neofascistas da Europa também se posicionam contra o referido futebol. Aqui, vale recordar que, no primeiro manifesto contra o “futebol moderno”, assinado por 70 grupos ultras de 20 países, uma das pautas era a limitação do número de jogadores estrangeiros, porque eles ocupariam o lugar de jovens jogadores nacionais (GOMES, 2020). Sendo assim, podemos afirmar que a referida luta atravessa campos ideológicos distintos. Luta que, ainda que seja ressignificada de acordo com o contexto, possui um elemento fixo: o discurso antissistema e anti burguês (LOPES; HOLLANDA, 2018b).

De acordo com Ronchete (2021), a defesa das minorias – entendidas aqui não do ponto de vista quantitativo, mas como grupos oprimidos, explorados e marginalizados dentro da sociedade devido a aspectos econômicos, culturais, físicos, religiosos etc. – costuma ter destaque nas

páginas dos coletivos de torcedores antifascistas e alcançar uma boa média de interação. Para a autora, essa defesa está atrelada a dois motivos principais: primeiro, as questões identitárias são caras a muitos movimentos antifascistas contemporâneos e captam simpatizantes com facilidade. Segundo, Jair Bolsonaro personifica o ódio contra as minorias. Assim, apoiá-las não deixa de ser uma forma de se contrapor a ele.

Como já antecipamos, o BTA afirma lutar contra o racismo. Essa luta reflete-se na própria composição do coletivo. Ainda que ela precise ser melhor pesquisada, não deixa de ser sugestivo o fato de que, dos doze respondentes do questionário, cinco tenham se declarados brancos; quatro, pardos; dois, negros e um indígena. Além de possuir uma composição relativamente diversa, o BTA participa de marchas antirracistas e de outros eventos com os movimentos negros, como o referido festival. Ao lado de alguns grupos de torcedores organizados, também procura resgatar o protagonismo dos negros na história do São Paulo. Com isso, busca intervir nas narrativas sobre o clube, habitualmente representado como branco e de elite, devido às suas origens e ao bairro em que está localizado. Ainda que não tenha despertado um forte engajamento online (7 curtidas e 1 partilha), a campanha pela volta do “Diamantinho” – mascote criada em homenagem a um dos maiores ídolos do São Paulo, Leônidas da Silva – foi enfatizada na entrevista como uma das principais ações de enfrentamento ao racismo. Esta foi organizada pelo Bonde do Che e apoiada pelo BTA, que também apoia a volta da primeira mascote do clube: o Dr. Canindé, um senhor negro com anel de doutor.

Além do enfrentamento do racismo, o BTA tem se engajado no combate ao machismo. Mais do que divulgar textos ou promover atos que denunciam o patriarcado, esse combate ocorre no dia-a-dia do coletivo, que confere às mulheres um papel de protagonista. Segundo nos disse um de seus integrantes, ainda que o coletivo busque ter uma estrutura horizontal e descentralizada, duas pessoas acabam tendo uma participação mais ativa na organização de suas ações políticas, sendo uma delas uma mulher¹⁶. Inclusive, a figura da mulher é central na construção da própria imagem do BTA. Apesar de não dar visibilidade ao futebol feminino em sua página no Facebook e de utilizar o gênero gramatical masculino para denotar o gênero humano, o coletivo costuma postar imagens de mulheres rebeldes, que lutam contra diferentes formas de opressão. Por exemplo, em uma dessas imagens, observamos um desenho de uma menina com a camisa do São Paulo e de patins dando uma voadora no rosto de um nazista enquanto este faz o gesto de saudação a Hitler. A figura da mulher rebelde também tem destaque em uma de suas bandeiras, que, conforme antecipamos, estampa a imagem de uma guerrilheira da resistência Curda. Além disso, a convocação para os atos do BTA geralmente é feita por uma integrante mulher, que aparece em vários vídeos e fotos – em vários deles, segurando a faixa do grupo, com o braço levantado e punho cerrado. Essa imagem é particularmente relevante de ser

¹⁶ De acordo com o referido integrante, em parte, isso acontece porque outros membros do BTA participam ativamente de outros coletivos, movimentos sociais ou sindicatos, o que faz com que tenham de dividir seu tempo com eles. Essa afirmação foi corroborada pela aplicação dos questionários: como já antecipamos, dos doze respondentes, nove confirmaram essa participação.

mencionada, pois, no universo das torcidas organizadas, a dominação masculina é dissimulada sob a imagem da proteção. Vistas como frágeis, as mulheres têm seu campo de ação limitado, não podendo exercer várias atividades que os homens realizam, como carregar as faixas da torcida (LOPES, 2020).

A despeito da importância da figura feminina para a imagem e para a organização do BTA, elas são minoria no coletivo: segundo nos foi dito, dos cerca de 15 integrantes que comparecem com frequência às atividades presenciais, apenas 2 são mulheres – inclusive, no festival de futebol supramencionado, nenhuma delas compareceu (uma porque estava trabalhando). Vale destacar que, aparentemente, essa é a realidade também de outros coletivos. Ainda que fossem permitidas equipes mistas, dos 3 coletivos de torcedores que participaram do evento, apenas o CDC não atuou com um time inteiramente masculino, e, ainda assim, contou com a presença de apenas uma única atleta. Havia mais mulheres no festival, mas nas arquibancadas. Isto é indicativo de que, mesmo em um ambiente progressista e antifascista, a prática do futebol segue sendo majoritariamente composta por homens.

Considerações finais

Neste trabalho, discutimos como os integrantes do BTA delimitam sua agenda política e atuam dentro e fora do ciberespaço. Ao realizar essa discussão, indicamos que as redes sociais *online* constituem um elemento central para a organização do coletivo, assim como contribuem para a formação da sua identidade antifascista e para a convocação e divulgação de suas ações no mundo *offline*. Também mostramos que o estádio não tem sido utilizado como um espaço de manifestação do coletivo, até mesmo porque ele não pretende operar como uma torcida organizada. Na verdade, suas performances e manifestações contra o fascismo ocorrem nas ruas de São Paulo. Com frequência, estas contam com o apoio e a solidariedade de coletivos progressistas e antifascistas de clubes rivais – o que sugere que a identidade política desses coletivos consegue se sobrepor às suas rivalidades clubísticas. Diferentemente de parte dos movimentos antifascistas, o BTA não busca, todavia, o enfrentamento físico com grupos de extrema direita. A fim de “vacinar” a população contra o fascismo, aposta, principalmente, na difusão do pensamento político de esquerda e na construção do poder popular nas comunidades.

Em relação às pautas do BTA, destacam-se suas lutas contra o neoliberalismo, contra “futebol moderno”, contra o racismo e contra o machismo. Em relação à primeira, argumentamos que, diferentemente do discurso recorrente na “grande imprensa”, os integrantes do coletivo articulam neoliberalismo e fascismo, fundindo esses fenômenos. Em relação à segunda, indicamos que ela se assenta em uma narrativa mítica sobre o futebol, que considera o passado melhor na medida em que era menos capitalista, menos comercializado e menos elitizado. Em relação à terceira, mostramos que ela busca resgatar o protagonismo dos negros na história do São Paulo, participando de uma disputa de narrativas sobre o clube. Em relação à quarta,

argumentamos que ela desafia a dominação masculina presente no universo das torcidas organizadas, que é dissimulada sob a imagem da proteção.

É importante sublinhar, aqui, que as lutas do BTA desmitificam a ideia de que o futebol seja, necessariamente, uma variante do “ópio do povo”, conforme sustentam algumas perspectivas críticas (LOVISOLO, 2011). Ainda que, evidentemente, o “esporte bretão” possa, em alguns contextos, contribuir para reforçar a dominação de classe e controlar a classe trabalhadora, direcionando sua libido para uma prática criada para o entretenimento e para a gratificação imediata, ele pode contribuir para unificar as pessoas numa coletividade de oposição a regimes autoritários, ditatoriais e repressivos, como é o caso do fascismo. Uma coletividade que, eventualmente, pode ser capaz de se transformar num desafio real a esses regimes. Para os mais céticos, é preciso recordar, aqui, que uma mirada mais atenta aos últimos grandes levantes populares no mundo revela a intensa participação de grupos organizados de torcedores de futebol, como ocorreu, por exemplo, nos protestos em 2013 em Istambul (CORREIA, 2019). Afinal, tomando de empréstimo a poética imagem de Peinado (2017), sob os paralelepípedos, pode haver não apenas a areia da praia dos estudantes de 1968, mas, também, a grama de um futebol melhor.

O fato de o BTA estar na vanguarda do ativismo torcedor na cidade de São Paulo não significa, no entanto, que, como ocorre com qualquer agrupamento humano, suas práticas não sejam atravessadas por ambiguidades e contradições. Por exemplo, por um lado, os discursos contra o “futebol moderno” enunciados pelos entrevistados denunciam e contestam o processo de hiper mercantilização do esporte, que exclui a classe trabalhadora do espetáculo futebolístico. Por outro lado, alguns desses discursos passam por cima de processos e situações passadas vivenciadas como insatisfatórias, como o racismo, a homofobia e o sexismo, apagando a historicidade desses fenômenos. De qualquer modo, ainda que não possuam um caráter necessariamente crítico e mobilize múltiplos sentidos, as práticas do BTA tendem a representar, conforme buscamos mostrar, modos de resistência a formas estabelecidas de opressão e dominação no campo de interações dos torcedores de futebol, tencionando-o. Essa tensão é suscitada, por exemplo, na sua defesa de pautas feministas e de defesa das pessoas LGBTQIA+, geralmente rejeitadas pelas organizadas. Se essas tensões irão se resolver com o decorrer do tempo e, se sim, de que maneira, essas são, obviamente, questões em aberto.

Por fim, gostaríamos de reforçar que, com as análises aqui desenvolvidas, buscamos mostrar como futebol e política se articulam concretamente nas práticas e representações de um grupo de torcedores ainda pouco pesquisado no Brasil: os antifascistas. Para avançar na reflexão, consideramos importante pesquisar outros agrupamentos de torcedores antifascistas que atuam no país, a fim de não ficarmos limitados a um caso específico e verificarmos se há diferenças na sua agenda e modos de operação. Aqui, parece-nos particularmente relevante conhecermos melhor aqueles coletivos ligados às organizadas, pois, conforme já destacou Gomes (2000), sua relação com outros coletivos de torcedores tem suscitado algumas tensões. Também consideramos importante a comparação com as torcidas

antifascistas estrangeiras. Afinal, essa comparação poderá iluminar as particularidades do “caso brasileiro”, indicando aquilo que é próprio das lutas que ocorrem nas ruas e arquibancadas do nosso país.

Referências bibliográficas

BRAY, Mark. *Antifa: el manual antifascista*. Madrid: Capitán Swing, 2018.

CANALE, Vitor. *Um movimento em muitas cores: O circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988 - Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo)*. Tese (Doutorado em História, Política, Bens Culturais e Projetos). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2020.

CARREIRO, Rodrigo. Black Bloc em ação: reforço de identidade e outras dinâmicas de ativismo no Facebook. *Liinc em Revista*. v. 10, n. 01, p. 241-257, 2014.

CORREIA, Mickaël. *Una historia popular del fútbol*. La Mata Editorial, Asturias, 2019.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotek, 1982.

DI FELICE, Massimo. Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares. *Contemporânea: cultura e comunicação*, n. 11, v. 2, p. 267-283, 2013.

GOMES, Vitor. *A militância político-torcedora no campo futebolístico brasileiro*. (Dissertação em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2020.

GOHN, Maria Glória. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. *Caderno CRH*. v. 1, n. 82, p. 117-133, 2018.

GOHN, Maria Glória; PENTEADO, Claudio Luis de Camargo; MARQUES, Marcelo de Sousa. Os coletivos em cena: experiências práticas e campo de análise. *Simbiótica*. v. 7, n. 3, 2020, p. 1-7.

GRAFIETTI, Cesar. Elitização do Público nos Estádios de Futebol. *Linkedin*, 24 nov. 2017. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/elitiza%C3%A7%C3%A3o-do-p%C3%BAblico-nos-est%C3%A1dios-de-futebol-cesar-grafietti>. Acesso em: 22 de ago. de 2022.

HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de.; CHAIM, Aníbal. Ordem & Progresso nas arquibancadas: jornalismo esportivo e a gênese das torcidas uniformizadas de futebol durante o regime do Estado Novo (1937-1945). In:

GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Org.). *O futebol nas Ciências Humanas no Brasil*. Campinas: Editora UNICAMP, 2020, p. 652-679.

IÑIGUEZ-RUEDA, Lupicínio. Las redes sociales y todo lo demás. La libertad, la ilusión de libertad y la construcción de libertad. *Libros e Pensamiento*. n. 98, p. 35-42, 2019.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Narrativas sobre violência no futebol: (des)construindo a categoria “torcedor violento”. In: GIGLIO, Sérgio S.; PRONI, Marcelo W. (Orgs.). *O futebol nas Ciências Humanas no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2020, p. 687-701.

_____. *Violência no futebol: ideologia na construção de um problema social*. Curitiba: CRV, 2019.

LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Fútbol, política e historia en Brasil: análisis de un manifiesto de hinchas antifascistas. *Quaderns de Psicologia*. v. 22, n. 1, p. 1-18, 2020.

LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. *Tempo*. v. 24, n. 2, p. 206-232, 2018a.

_____. “Futebol moderno”: ideologia, sentidos e disputas na apropriação de uma categoria futebolística. *Revista Estudios Brasileños*. v. 5, n. 10, p. 159-175, 2018b.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serviço Social & Sociedade*. n. 124, p. 652-664, 2015.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Sociologia do esporte (futebol): conversações argumentativas. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo Rodolfo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves (Orgs.). *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 11-32.

MARQUES, Marcelo de Souza; MARX, Vanessa. Os coletivos em cena: algumas contribuições para o debate. *Simbiótica*. v. 7, n. 3, 2020, p. 8-32.

NICOLAU NETTO, Michel; CAVALCANTE, Sávio. Futebol e capitalismo global: mercadorização do esporte e a formação de uma cultura neoliberal. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Org.). *O futebol nas Ciências Humanas no Brasil*. Campinas: Editora UNICAMP, 2020, p. 232-254.

PEINADO, Quique. *Futebol à esquerda*. São Paulo: Madalena, 2017.

PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. *As ondas que (se) movem (n) o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020)*. 2020. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000.

_____. O sequestro dos estádios de futebol: a dimensão simbólica das novas arenas e a guinada antifascista transnacional nas torcidas. *Locus: Revista de História*. n. 27, v. 1, p. 338-364, 2021.

RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.

ROJO, Luísa Martin. Occupy: la dinámica espacial del discurso en los movimientos globales de protesta. *Discurso & Sociedad*. v. 10, n. 04, p. 610-639, 2016.

RONCHETE, Nathalia. Ciberativismo das torcidas antifascistas nas eleições de 2018: uma análise quantitativa. *FuLiA-UFMG*. v. 06, n. 01, p. 6-27, 2021.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; BRAGA, Sérgio; PENTEADO, Cláudio. (Orgs.). *Cultura, política e ativismo nas redes digitais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014.

SIMÕES, Irlan. *Cientes versus rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

SOARES, Alisson Rodrigues; ZAGO; Luis Felipe. Páginas das torcidas organizadas antifascistas no Facebook: política, futebol e comunicação. In: *Anais da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville: Intercom, p. 1-13, 2018a.

_____. Páginas das torcidas organizadas antifascistas no Facebook: política, futebol e comunicação. In: *Anais da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville: Intercom, p. 1-13, 2018b.

SOUZA JÚNIOR, OSMAR Moreira. Futebol e política se misturam: na trincheira das lutas contra o autoritarismo. *Motricidades*. v. 4, n. 2, p. 199-213, 2020.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara; HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de. Espetáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo. *Esporte e Sociedade*. n. 28, p. 1-15, 2016.

TOTTEN, Mick. Sport activism and political praxis within Sankt Pauli fan subculture. *Soccer & Society*. v. 16, n. 4, 2015, p. 453-468.

VAN DIJK, Teun A. La multidisciplinarietà del análisis crítico del discurso: un alegato en favor de la diversidad. WODAK, Ruth.; MEYER, Michael. *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 143-178.